

Coluna do Castelo

JORNAL DO BRASIL

No reino do provisório



O novo apoio do PFL ao presidente José Sarney tem alguns condicionantes e algumas limitações que não existiam no apoio anterior, quando esse partido formava a Aliança Democrática que ele mesmo tomara a iniciativa de denunciar. É verdade que o PFL permanece no governo com seus quatro ministros e mais um a ser nomeado nas próximas horas. Mas também é verdade que o apoio é dado a título precário com o objetivo declarado de abreviar a transição.

Abreviar a transição, para o presidente de honra do partido e seu candidato a presidente da República, significa, em primeiro lugar, apressar a votação da Constituição mas pode significar também, conforme as circunstâncias, a adesão à tese dos quatro anos do mandato presidencial. Não falta no partido, até mesmo entre os que são partidários fiéis do presidente, quem considere estar o sr José Sarney a tal ponto desgastado que melhor será para o país e para o regime que se abrevie sua permanência no governo.

A convenção do partido foi adiada para depois da promulgação. Segundo os cálculos do sr Ulysses Guimarães, a promulgação se daria em dezembro. Se tal ocorrer, já em janeiro o senador Marco Maciel, vencido mas não convencido, poderá insistir na realização da convenção nacional que lançará a candidatura do sr Aureliano Chaves e, para tanto, poderá declarar encerrada a fase de colaboração com o governo federal. Os ministros sairiam, e parece não ser outro o propósito do sr Aureliano Chaves — deixar o governo depois de promulgada a nova Carta —, salvo o sr Antônio Carlos Magalhães, o qual, tendo coordenado a bancada contra o presidente da agremiação, não tem sua permanência no ministério das Comunicações condicionada a decisões de partidos.

O senador Marco Maciel foi derrotado no curso da sua mobilização, mas sua derrota será antes provisória do que definitiva. Quando convocou de surpresa os presidentes dos diretórios regionais e os líderes das assembleias estaduais, calculava, pelas sondagens feitas, demonstrar ao diretório que as bases, por sua maioria, queriam afastar-se do governo. Ele perdeu por 12 a oito, com duas abstenções e o registro de duas defecções. O senador, que quis surpreender, foi surpreendido. Mas a mudança do quadro nacional depois da Constituição poderá lhe dar meios de recuperar a hegemonia do partido, por enquanto perdida.

Os srs José Sarney, Ulysses Guimarães, Aureliano Chaves e Marco Maciel são todos presidencialistas, mas o presidente do PMDB passou a admitir sujeitar-se à maioria da Constituinte, de tendência por enquanto parlamentarista. O sr Aureliano tem condições ideais para lançar-se candidato, se vitorioso finalmente o presidencialismo, precisamente no período em que resistir politicamente à mudança de sistema de governo juntamente com o PT, o PDT e a seção governista do PMDB. O sr Marco Maciel, por estranho que pareça, é o mais sensível ao mandato de cinco anos por entender que, dada a demora da promulgação da Constituição, não haverá condições em 1988 para armar a sucessão presidencial com base na liberdade de ação de todos os presidenciáveis.

O presidente José Sarney deverá receber nas próximas horas o senador Afonso Arinos, mas não cederá aos seus argumentos nem aos seus apelos cívico e afetivo. Quando desceu em Brasília, vindo do Nordeste, declarou-se presidencialista por uma questão de princípios e por entender que não há estrutura na Federação para suportar a experiência parlamentarista. Sendo essas suas razões, não poderá trocá-las pelas do seu eminente amigo por maior que seja o culto que renda à sua personalidade.

A questão do sistema de governo deverá ser resolvida no plenário, perdida para o governo a batalha na Comissão de Sistematização, segundo todos os indícios. No plenário o governo conta com dois trunfos: a pressão dos governadores, todos presidencialistas, e a organização do chamado "centrão", que, com seus alegados 356 votos, pretenderia surpreender a Constituinte com a interrupção do andamento do Cabral II em troca de um novo projeto a ser apresentado com a prévia modificação do Regimento Interno. Quem pode o mais, há de poder o menos. Resta saber se os que querem uma Constituição "moderna e duradoura", partidária da livre iniciativa, se aglutinarão efetivamente, ou se repetirão apenas a promessa feita ao presidente Sarney de subscrever documento pelo mandato de cinco anos e pelo presidencialismo. A subscrição fracassou.

É verdade que agora estão em jogo interesses mais densos, quais sejam os do empresário e dos movimentos liberais do país. Por isso mesmo se o "centrão" se articular e impuser sua doutrina constitucional, nada faz prejudicar que ele injetará no seu projeto a duração do mandato desejada pelo governo e o sistema de governo por ele preconizado. É verdade que os conservadores se inclinam mais pela centralização do poder, propiciada pelo presidencialismo, do que pela sua descentralização, que é típica dos sistemas parlamentaristas modernos.

Algumas peças se movem de modo a tornar precárias todas as decisões, entre elas a do PFL de apoiar até o final da transição o governo do sr José Sarney e de dele participar.

Carlos Castello Branco